

MRS DALLOWAY ENCONTRA VIRGÍNIA WOOLF: UM ESTUDO SOBRE A AUTONOMIA DE MULHERES

CASTRO, Tainá Dias de¹
OLIVEIRA, Natália Fontes de²

RESUMO: Este artigo visa a analisar a obra *Mrs Dalloway* (1925), de Virgínia Woolf, promovendo um estudo sobre a autonomia feminina, para investigar a aproximação entre Clarissa Dalloway e Woolf, visto que a autora dispõe da técnica do diálogo interior para presentificar sua personagem, como o conceito desenvolvido por Braith (1985). Esta abordagem permite ao leitor o acesso à relação entre o escrito e o vivido, considerando que a moldagem das subjetividades da narradora-protagonista se dá por meio de um contexto sócio-histórico e cultural, do qual a autora também fazia parte. Pressupõe-se que o tempo é uma personagem marcante na trajetória de Dalloway, pois este permeia a vida da protagonista. Tendo Woolf como uma referência da escrita de fluxo de consciência, o tempo é um influenciador de ações, pois as relações com os espaços público e privado auxiliam na compreensão de como as mulheres se moldam para se adaptar ao ambiente no qual se encontram. Como metodologia para este trabalho, utilizou-se um arcabouço teórico pautado na crítica literária feminista e estudos de gênero. Assim, pretende-se a aproximação entre autora e obra com o intuito de identificar traços de Woolf na personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita feminina; *Mrs Dalloway*; Virginia Woolf; autonomia feminina.

MRS DALLOWAY MEETS VIRGINIA WOOLF: A STUDY OF WOMEN'S AUTONOMY

ABSTRACT: This article aims to analyze the work *Mrs Dalloway* (1925) by Virginia Woolf promoting a study on female autonomy, to investigate the rapprochement between Clarissa Dalloway and Woolf, since the author uses the technique of inner dialogue to present her character, as the concept developed

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, com ênfase em Estudos Literário, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: taina.castro@ufv.br

² Doutora em Literatura Comparada pela Purdue University. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: nataliafontes@ufv.br

by Braith (1985). This approach allows the reader to access the relationship between what is written and what is lived, considering that the molding of the subjectivities of the narrator-protagonist takes place through a socio-historical and cultural context, of which the author was also a part. It is assumed that time is a key character in the character's trajectory, as it permeates the protagonist's life. Having Woolf as a reference in the stream-of-consciousness writing, time is an influencer of actions, as relationships with public and private spaces help in understanding how women shape themselves to adapt to the environment in which they find themselves. As a methodology for this work, a theoretical framework based on feminist literary criticism was used, and gender studies. Thus, it is intended to bring the author and the work closer together in order to identify Woolf's traits in the character.

KEYWORDS: Women's writing; *Mrs Dalloway*; Virgínia Woolf; women's autonomy.

Introdução

Ao longo da história, a escrita feminina foi classificada como gênero literário com características intrínsecas femininas, sendo muitas vezes associada a histórias de amor e a personagens que têm como único objetivo de vida casar e seguir os ditames de uma sociedade patriarcal, tal como mencionado por Ana Colling (2014). Isso se dá, pois os homens direcionaram adjetivos ao sexo feminino que apontam para seres idealizados, ou seja, há uma ideia de que as mulheres precisam ser cuidadas, vigiadas e sempre devem agradar seus maridos e pais. Pode-se observar, desse modo, uma marginalização do gênero feminino velada por esse discurso de idealização da mulher:

De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; histórica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para outro (WOOLF, 2014, p. 65-66).

A constante idealização das mulheres acarreta personagens irrealis ou que se perdem em meio à constante obrigatoriedade de serem perfeitas o tempo todo. A escrita de personagens femininas feita por mulheres, na maioria das vezes, aproxima-se mais do real vivido na sociedade, bem como das dificuldades e sentimentos diversos que são apresentados pelas escritoras.

A personagem Clarissa Dalloway, do romance *Mrs Dalloway*, de Virgínia Woolf, é construída de uma forma que explicita a relação conflituosa que a mulher tem consigo mesma, uma vez que essa personagem tem a necessidade de ser o centro das atenções e condizer com tudo o que lhe é imposto de maneira satisfatória. Todavia, o acesso ao seu passado, por meio de *flashbacks*, nos mostra como ações e decisões tomadas pela personagem foram em direção oposta ao que ela sentia e desejava.

Com isso, o artigo se divide em 1) breve contexto sobre a escrita de fluxo de consciência, tendo Virgínia Woolf como uma de suas precursoras; 2) a sua escrita vinculada aos aspectos que permeiam as subjetividades de sua personagem Clarissa Dalloway e 3) as considerações sobre as análises realizadas por esse trabalho.

Virginia Woolf e a escrita de fluxo de pensamento

Inicialmente, é necessário traçar uma breve linha do tempo, pois, assim, é possível perceber que diversos autores lançaram mão de técnicas que se tornariam reconhecidas e reutilizadas por seus semelhantes ao longo das décadas até chegarmos ao fluxo de pensamento, técnica abundantemente utilizada por Woolf.

Marcel Proust, em 1913, revela ao mundo sua obra *Em Busca o Tempo Perdido*, na qual utiliza a técnica do monólogo interior³, para traçar a análise psicológica de suas personagens, indo ao encontro do que Beth Braith (1985) denominou como “aproximação entre o escrito e o vivido”. Já no ano de 1920, James Joyce apresenta ao público um de seus mais renomados romances, *Ulysses*, cuja narrativa se passa em apenas um dia na vida do protagonista e conta com a utilização da técnica conhecida como fluxo de consciência⁴.

Na mesma toada está Virginia Woolf, escritora que ficou largamente conhecida no meio literário em virtude de suas críticas em relação à escrita sobre e feita por mulheres, mas também por ser uma das precursoras da escrita de fluxo de pensamento. Suas personagens utilizam fatos presentes em suas memórias para questionar, ou mesmo observar, os

³ O monólogo interior é o recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da sua interioridade. O leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos “pensamentos” do ser fictício, no fluir de sua “consciência” (BRAITH, 1985, p. 63).

⁴ Humphrey (1954, p. 5) define fluxo de consciência literária, conceito utilizado ao longo desse trabalho, como “um tipo de ficção em que a ênfase básica está localizada na exploração dos níveis pré-discursivos com o propósito, primeiramente, de revelar o ser psíquico das personagens”.

acontecimentos que ocorrem em seu dia a dia, fato visível em seu romance *Mrs Dalloway* (1925).

Por acreditar que as mulheres não apenas eram capazes de escrever histórias de amor, mas também serem mais do que era descrito na literatura feita por homens, Woolf começa a defender que as mulheres escrevem sobre aquilo que vivenciam em seus cotidianos, o que acaba passando para as personagens dessas autoras aspectos da sua própria biografia.

Quanta genialidade, quanta integridade deve ter sido necessária diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade puramente patriarcal, para se apegarem às coisas como as enxergavam sem se encolher. Somente Jane Austen e Emily Brontë fizeram isso. É outra pérola, talvez mais refinada, em suas tiras. Elas escreviam como escrevem as mulheres, não como os homens o fazem (WOOLF, 2014, p. 108).

Woolf apresenta personagens que vivem não apenas de acordo com as normas sociais vigentes, mas também personalidades que entram em choque com o que é regido pelo patriarcado, mostrando, assim, que as mulheres estavam ganhando mais espaço de fala, bem como o direito de escolher o que melhor se encaixava em suas condições. Em meio a essa nova maneira de escrita, surgem os romances de fluxo de pensamento da autora, dentre eles *Mrs Dalloway* (1925), no qual somos apresentados a Clarissa Dalloway, personagem que ao longo de toda a narrativa, questiona o seu papel na sociedade e os ditames sociais aos quais foi exposta desde a sua juventude.

Clarissa Dalloway é uma mulher que vive na Londres de 1920, é casada com Richard Dalloway, mãe de Elizabeth Dalloway e faz parte de um círculo social que, mesmo apresentando-se como estável, proporciona uma insegurança na personagem, visto que ela visava cumprir os ditames de um padrão feminino imposto, ou seja, ser a esposa ideal, a mãe mais afetuosa e a anfitriã perfeita. Isso posto, verifica-se em Clarissa a necessidade de ser sempre exemplar em tudo o que faz. Contudo, suas visitas ao passado levantam questionamentos que levam esta mulher a questionar suas escolhas e se as mesmas foram feitas por ela mesma ou por pressões exercidas pela sociedade.

O romance *Mrs. Dalloway* mostra-se uma estrada que desde o início a personagem deve percorrer para ao fim tentar encontrar seu significado

(identidade). Woolf, em alguns textos críticos, afirma que o importante é expressar sua visão particular de mundo (realidade) (HORST, 2011, p. 68).

Esta utilização de aspectos psicológicos em forma de *flashbacks*, com um apelo a memórias do passado para questionar a realidade presente, é o pilar desta obra que usufrui do tempo para expor quem é a protagonista de Woolf. Em suma, percebemos que os *flashbacks* apresentados pela autora em relação à vida de sua personagem são uma grande busca não apenas pelo seu verdadeiro eu, mas também por uma autonomia que não foi moldada por si própria, todavia, pelos instrumentos que lhes eram ofertados.

Clarissa Dalloway e sua relação com o mundo

Virgínia Woolf possuía uma relação com o mundo que não a permitia ser quem realmente gostaria, tal qual é demonstrado em seus diários: era controlada o tempo todo por seu marido e familiares em virtude da sua depressão. Dessa forma, levava seus dias adaptando-se a uma rotina que concentrava apenas em escrever e em afazeres domésticos. Em virtude deste controle, Woolf, em seu cotidiano, começa a observar a sua intimidade e a das pessoas ao seu redor como um objeto de estudo, no qual irá espelhar em sua escrita, como aponta Moretti (2014):

O diário de Virginia Woolf remete a seu cotidiano e a seus pensamentos íntimos sobre pessoas e lugares, espaços sociais em que a autora interagia com amigos e conhecidos, interessante é perceber as impressões da escritora acerca do mundo ao seu redor, sua sensibilidade em relação às particularidades dos seres humanos, neste sentido, seus diários se apresentam ao leitor praticamente como um ensaio sobre o comportamento humano, seus desejos e vicissitudes (MORETTINI, 2014, p. 3-4).

A maneira ensaística dos diários de Virgínia Woolf, como mencionado por Morettini (2014), demonstram como o dia a dia da autora era observado não apenas no seu entorno geral, mas também em suas particularidades. Embora a autora fosse controlada por sua família e pela

sociedade londrina da época, o seu íntimo se apresentava como uma característica essencial na vida de Woolf enquanto escritora.

Do mesmo modo que sua criadora, Mrs Dalloway é extremamente controlada por uma sociedade patriarcal, na qual tentava se encaixar a todo custo. Partindo do evento da festa, que será realizada na mansão dos Dalloways e que ocupa todo o dia de Clarissa, serão expostos alguns pontos sobre a maneira como a personagem vivia e pensava, demonstrando assim sua relação com a autonomia ou a falta dela.

“Mrs Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores” (WOOLF, 2014, p. 9). Essa frase, que abre a história escrita por Woolf, é utilizada de forma a demonstrar como essa pequena ação diária, afirmada para si mesma e para sua empregada, molda as atitudes que serão narradas por Clarissa Dalloway ao longo do dia, visto que a personagem tomava suas decisões com base no que as outras pessoas iriam pensar e, o fato de ter decidido por si mesma ir comprar as flores, nos mostra qual foi o evento que a levou à sua reflexão sobre sua vida: “As situações cotidianas enfrentadas por essa personagem são aparentemente simples, mas são motivos para a revelação de questões sérias, subjacentes ao cotidiano ‘banal’, apresentado ao leitor”. (SILVA, 2007, p. 169).

Nota-se ainda que o tempo pode ser lido como um dos aliados da protagonista, uma vez que nos mostra como ações reproduzidas ao longo de um dia refletem em decisões e momentos que determinam traços da sua personalidade, que a ajudarão a moldar suas subjetividades, tal qual sua autonomia. Para Mrs Dalloway, tal aspecto significa que ela teria uma independência que a permitiria fazer algo que ela mesma queria, o que vai contra todas as ações que havia tomado em sua vida até o presente momento de narração. Não coincidentemente, uma vez que na década de 20 a chamada primeira onda do feminismo estava se formando na Europa.

Vale destacar também que, ainda em 1928, Woolf publica uma de suas obras que viria a ser referência dos estudos feministas, *Um Teto Todo Seu* (1928), na qual a autora apresenta uma série de críticas à forma como as mulheres eram tratadas e a falta de reconhecimento dada a elas, seja em áreas do cotidiano, seja nos meios culturais. Através destes levantamentos, Woolf promove discussões que perpassam a autonomia dos sujeitos femininos ao longo do tempo: “Os anos vinte representam a luta de Woolf contra modelos e as formas repetitivas, e a procura da personificação da liberdade subjetiva através de ícones visuais, aprisionando-os na linguagem da narrativa” (DUARTE, 2006, p. 144). Assim, fica evidente ao leitor como as lutas

da autora em prol das mulheres se refletiam até mesmo nas pequenas ações realizadas por sua personagem, o que permite uma aproximação entre autor e obra.

No capítulo introdutório desta obra, “Um Teto Todo Seu”, somos apresentados ao tema principal de uma palestra, ministrada pela autora em uma universidade britânica, bem como alguns dados e devaneios da mesma. O assunto, mulheres na ficção, acaba por perpassar a diferença nas escritas entre homens e mulheres e o tema torna-se mais amplo do que o título inicial da palestra (Mulheres e Ficção). À vista disso, a autora expressa sua opinião sobre mulheres na ficção, nas seguintes linhas: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (WOOLF, 2014, p. 12), por isso suas personagens muitas vezes apresentam traços de subjetividades que se adaptam ao momento vivido para adquirirem autonomia, posto que a autora, como demonstrado em seus diários, fora negligenciada neste quesito em virtude de sua condição depressiva. Em *Mrs Dalloway* (2014), este aspecto de privação fica exposto na seguinte passagem:

Muito melhor se fosse uma daquelas pessoas como Richard que faziam coisas pelas próprias coisas, enquanto ela, pensou esperando para atravessar, metade do tempo fazia as coisas não pura e simplesmente, não por elas mesmas, mas para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; idiotice total sabia ela (e então o guarda de trânsito ergueu a mão) pois nunca ninguém notava nem por um instante (WOOLF, 2014, p. 10).

Ao falar sobre a forma como seu marido opera suas ações, Clarissa Dalloway expõe um desejo íntimo de realizar ações sem precisar pensar nas consequências sociais, pessoais e psicológicas que tais atos podem acarretar na sua condição de *socialite* na Inglaterra dos anos 1920. É comum percebemos o reflexo de autores em suas obras e em suas personagens. Woolf era assombrada pelo Anjo do Lar⁵ durante sua escrita, assim, para não ser apenas um espelho desta alegoria, a autora ia na contramão do que era esperado por este Anjo. Na obra *Mrs*

⁵ Nome de um poema, *Conventry Patmore*, sobre o ideal de casamento e a mulher ideal. Este título passou a ser utilizado por Woolf para se referir à sombra da definição de mulheres ideais feita pela sociedade da década de 1920, algo que a assombrava sempre que se propunha a criar suas obras.

Dalloway é notável como a personagem Clarissa e seu duplo⁶, Septimus, expressam traços da personalidade de Woolf, como na passagem:

O relógio começou a bater. O rapaz tinha se matado; mas não tinha pena dele; com o relógio batendo as horas, uma, duas, três, não tinha pena dele, com tudo isso em andamento. Pronto! A velha dama tinha apagado a luz! A casa toda estava agora às escuras com isso em andamento, repetiu, e lhe voltaram as palavras, ‘não temas mais o calor do sol’. Precisava voltar a eles. Mas que noite extraordinária! Sentiu-se de certa forma muito parecida com ele - com o rapaz que tinha se matado. Sentiu-se de certa forma muito parecida com ele - com o rapaz que tinha se matado. Sentiu-se alegre que tivesse feito aquilo se lançado com tudo enquanto eles continuavam a viver (WOOLF, 2014, p. 104).

Nesse trecho, observamos que Mrs Dalloway não vê problemas no suicídio de Septimus, pois, no fundo, ela queria esta liberdade para determinar o que fazer com sua vida. Tal como Woolf, que também viria a cometer suicídio, sua personagem se vê presa a uma série de dogmas sociais que a sufocam e não permitem agir da forma como escolhe.

Ao refletir sobre os padrões sociais da Londres de 1920, o monólogo interior de Clarissa Dalloway nos apresenta a uma das personagens subjetivas da história, o tempo. Não apenas o tempo cronológico, o tempo do relógio, ou seja, o dia vivido pela protagonista tendo no badalar do Big Ben o lembrete de que é apenas um dia na presença destas personagens. Entretanto, existe no romance também o tempo psicológico, visto que este é um romance de fluxo de pensamento pautado em *flashbacks* que são uma armadilha, que conduzem à leitura da obra como tendo mais de um dia. A respeito do tempo na obra, Petterle (2005) menciona que:

Tanto *As Horas* quanto *Mrs Dalloway* são histórias que não só jogam com o tempo, mas que falam sobre ele. E o tempo não é qualquer coisa. É uma das grandes questões da contemporaneidade e, quiçá, de todas as épocas; daquelas que fazem titubear até os mais doutos (PETTERLE, 2005, p. 2).

⁶ O conceito de duplo é muito utilizado nas obras de Woolf e pode ser descrito como um encontro repentino com a própria imagem pode remeter à noção de “duplo”, como um estranho que me olha. Eu sou o objeto de um outro. Eu vejo a mim como um estranho que vem de fora de mim. Eu não me vejo como se me visse no espelho, imagem virtual ou especular, mas como imagem real. (D’AGORD et al., 2013, p. 477)

Um dos pontos diferenciais da obra analisada é o fato de ela se passar em apenas um dia na vida das personagens. Acompanhamos uma mulher em uma cidade grande, a Londres da década de 1920. Contudo, mesmo o tempo cronológico sendo de apenas um dia, o leitor tem a impressão de se demorar mais na personagem, dado que esta fala de seu passado e seus desejos reprimidos pela época na qual se encontrava.

Muito melhor se fosse uma daquelas pessoas como Richard que faziam coisas pelas próprias coisas, enquanto ela, pensou esperando para atravessar, metade do tempo fazia as coisas não pura e simplesmente, não por elas mesmas, mas para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; idiotice total sabia ela (e então o guarda de trânsito ergueu a mão) pois nunca ninguém notava nem por um instante (WOOLF, 2014, p. 10).

A descrição dos locais percorridos pela personagem e o que ela observa, contribuem para nos lembrar que estamos lendo um relato de apenas um dia em sua vida, entretanto, os devaneios sobre o que as pessoas pensarão sobre suas ações levam o leitor a imaginar que a protagonista está descrevendo ações que ocorrem em maior período de sua história. O uso de *flashbacks*, visto que estes são um passado que se passa no presente, dá ao leitor a impressão que a passagem de tempo no passado se passa no presente. Os romances de fluxo de pensamento possuem este impacto no leitor, uma vez que nos levam a crer que a história se passa durante vários dias, mas o retorno a aspectos do cotidiano, como o planejamento da festa que Mrs Dalloway irá promover ou o badalar do Big Ben, nos relembram que a história decore em apenas um dia.

Segundo Ricoeur, a volta ao passado em *Mrs Dalloway* faz progredir o tempo narrado, retardando-o. No intervalo entre uma batida e outra do Big Ben, Clarissa e os outros personagens percorrem um longo e, de certa maneira, profundo caminho dentro de si. (PETTERLE *apud* RICŒUR, 2005, p. 5).

O badalar do relógio londrino traz a narradora de volta à sua realidade atual para lembrá-la que o passado não pode ser alterado, mas que seu presente foi afetado por estas lembranças. Esta constante volta às memórias causa o impacto de prolongamento do tempo transcorrido na

narrativa, visto que a protagonista se questiona sobre o presente utilizando as referências de seu passado.

Virgínia Woolf, Marcel Proust e James Joyce são, atualmente, os autores mais lembrados quando tratamos dos romances de fluxo de pensamento. Neste modelo de escrita, o curso do tempo se relaciona diretamente com as sensações e emoções das personagens, pois os pensamentos amplificam o tempo narrado. O badalar do famoso relógio londrino, nos arremete, enquanto leitores, ao fato de que estamos lendo sobre apenas um dia na vida destas personagens, mas seus devaneios nos fazem pensar que estamos vivenciando mais tempo com eles.

Em *Mrs Dalloway* (2014), Woolf, ao se referir ao Big Ben, escreve que

Eram exatamente doze horas; doze pelo Big Ben; cuja badalada foi flutuando até toda a zona norte de Londres; fundiu-se às de outros relógios, mesclou-se leve e etérea com as nuvens e fiapos de fumaça e morreu lá longe entre as gaiotas – bateram as doze enquanto Clarissa Dalloway estendia o vestido verde na cama e os Warren Smith desciam a Harley Street. Às doze era o horário da consulta deles. Provavelmente, pensou Rezia, era a casa de Sir William Bradshaw com o carro cinza na frente. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar) (WOOLF, 2014, p. 55).

O Big Ben pode ser lido como um símbolo que faz lembrar às personagens que suas rotinas diárias devem ser seguidas, mesmo com as lembranças de épocas remotas de suas vidas vindo a todo momento a suas mentes. Consequentemente, mesmo devaneando sobre seus amores do passado com Peter Walsh, lembra-se de que deve ir para casa e ao brandir da décima segunda badalada do relógio estará estendendo o vestido que usará na festa à noite; concomitantemente, Septimus Warren, um ex-soldado da Primeira Guerra Mundial, tem alucinações ao lembrar de um amigo que viu morrer durante um bombardeio, mas, ao som da mesma badalada, lembra-se que está a caminho para uma consulta com seu psiquiatra.

Outro aspecto abordado na obra *Mrs Dalloway* (1925) é a dicotomia entre os espaços públicos e privados, os quais, somados aos *flashbacks*, auxiliam na compreensão da personalidade da personagem central do romance. Clarissa Dalloway passa a imagem de mulher feliz no espaço público, porém, em seu íntimo, no seu espaço privado, principalmente quando está só, demonstra seus verdadeiros sentimentos.

– Não temas mais – disse Clarissa [a empregada Lucy]. Não temas mais o calor do sol; pois o choque de Lady Bruton convidando Richard para almoçar sem ela fez estremecer o momento em que tinha se detido, como uma planta no leito do rio quando sente o choque de um remo ao passar e estremece: assim ela se abalou: assim ela estremeceu (WOOLF, 2014, p. 21).

Ao analisarmos o diálogo acima percebemos a exigência de as mulheres demonstrarem que tudo está bem; ao se dirigirem às pessoas suas inseguranças as tomam novamente, então recolhem-se a pensamentos que se ligam à necessidade de serem sempre mulheres ideais, que não cometem erros e que condizem com os ditames sociais.

Esta maneira de narrar os fatos por meio de uma volta ao passado, aliada à forma subjetiva de se descrever, constrói-se uma vez que a personagem descreve a si mesma, passando a ser a lente que se mostrará ao leitor.

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido” (BRAITH, 1985, p. 62).

Esta forma de construção nesta obra, que é classificada como romance, por ser escrito em forma de prosa, possibilita-nos não só enxergar além do que é praticado apenas nas ações visíveis de Clarissa, mas também nos permite visualizar seus pensamentos e emoções, os quais, não transparecem ao público, visto que a personagem precisa ser mulher exemplar diante da sociedade. Para isto, acaba seguindo regras para a construção de uma imagem consolidada, o que afeta diretamente a formação e modelagem de suas subjetividades em espaços públicos e privados. Uma destas normas é a maternidade. Clarissa Dalloway, por ser uma mulher da alta sociedade londrina se propõe à maternidade para assim consolidar sua família como tradicional e coerente com os padrões sociais.

É uma moça de ar esquisito, pensou de repente lembrando Elizabeth quando entrou na sala e ficou ao lado da mãe. Crescida; bem crescida, não propriamente bonita; mais para graciosa; e não deve ter mais de dezoito anos. Provavelmente não se dá bem com Clarissa. “Eis minha Elizabeth” – aquele

tipo de coisa – por que não “Eis Elizabeth” simplesmente? – tentando fingir, como a maioria das mães, que as coisas são o que não são. Ela confia demais em seu encanto, pensou. Abusa dele (WOOLF, 2014, p. 35).

A citação acima nos aponta para uma observação feita por Peter Walsh, um velho conhecido de Mrs Dalloway, a respeito da relação entre mãe e filha, exibida por Clarissa e Elizabeth Dalloway. Tal observação não é errônea, uma vez que Elizabeth prefere passar mais tempo com seu pai e Miss Killman, sua tutora, do que com a mãe, pois a considera frívola e fútil. Em contrapartida, Mrs Dalloway não sabe como se aproximar de sua filha e sente ciúmes da relação que esta possui com sua tutora. Percebe-se, com a leitura das ações de Clarissa e as observações exibidas por outras personagens na obra, que a relação com a maternidade exibida pela protagonista é apenas para cumprir com as regras do contexto sócio-histórico e cultural em que está inserida e não algo inerente à sua personalidade, por isso o uso do pronome “minha” ao referir-se à filha, visto que assim, na visão de Mrs Dalloway, isto apresentaria um ambiente de maior proximidade e segurança com relação à sua filha.

O contexto no qual Virginia Woolf e Mrs Dalloway viviam dita normas para que estas mulheres se sentissem pertencentes à sociedade e passassem a imagem de mulheres ideais, deixando, assim, de serem mulheres reais lidando com seus embates internos, suas escolhas, emoções e subjetividades. A maternidade, no caso de Clarissa, expõe como a pressão externa, da sociedade, dos amigos e do próprio marido, simbolizam a invasão que ocorre em seu espaço privado, ou seja, na sua decisão de ser ou não mãe. Woolf, em contrapartida, sofria esta pressão de uma outra forma, isto é, pela maneira como seu marido e familiares a controlavam em virtude de sua condição depressiva.

Considerações Finais

Comparar a autora e sua personagem nos mostra como as subjetividades e ações das mulheres são vistas, uma vez que a autora imprime em sua protagonista traços que nos remetem ao que está sendo vivenciado por si, enquanto realizava seu processo de escrita. Mrs Dalloway é uma mulher de classe alta e que vive presa aos dogmas da sociedade londrina da década de 1920; Virginia Woolf, uma mulher bem-sucedida em seu trabalho, tanto como escritora quanto como dona de uma editora, mas que vivia presa por amarras visíveis e invisíveis que a limitavam no

seu dia a dia. Assim, mesmo uma sendo lida com proximidade da outra, os dilemas morais impostos pela sociedade são sentidos por ambas as mulheres.

O contraste entre a obra de Virginia Woolf e sua vida privada comprova como as mulheres moldam suas autonomias, independentemente da época em que se encontram, de forma a criarem maneiras de terem uma liberdade em suas ações, mesmo que ainda limitadas pelos ditames sociais. Retomando aos objetivos e discussão desta pesquisa, podemos concluir que a autonomia da mulher está diretamente ligada a seus contextos sócio-históricos e culturais, bem como suas vertentes. Além disso, como o romance estudado é marcado por badalar de relógio e *flashbacks* da vida da personagem, pode-se afirmar que o tempo é um dos componentes que serve de análise para as condutas realizadas em âmbitos públicos e privados, e como estes afetam diretamente a moralidade e a dicotomia entre comunicação e privacidade da vida da personagem.

No caso da protagonista analisada, a insegurança, as discussões internas e a maneira como devem se apresentar socialmente, bem como suas relações matrimoniais e a maternidade, mostram-nos como cada ação realizada por ela é pensada minuciosamente de maneira a não deixar que sua imagem seja afetada mediante à sociedade. Além disso, a construção deste romance e a utilização, por Virginia Woolf, do narrador que se exprime via fluxo de pensamento, demonstra como o acesso não apenas ao tempo cronológico, mas também ao tempo psicológico da personagem dão brechas para o leitor perceber como a construção desta mulher, ao longo de sua vida, influenciou na formação de uma personalidade, isto é, algo que não a permite ser realmente livre para realizar todas as suas ações e desejos.

Virgínia Woolf, com seu *Mrs Dalloway* (1925), demonstra que a literatura é também um campo de denúncias e, neste caso, denúncias de uma sociedade patriarcal que busca subjugar as mulheres e colocá-las à margem da sociedade. Através do romance, foi possível perceber como criadora e criatura dividiram dores que provinham por viver nessa mesma sociedade que elas buscavam denunciar, seja pela escrita, no caso de Woolf, seja pela própria vivência, no caso de Dalloway. Logo, é preciso ver a literatura como um campo aberto para receber as denúncias de grupos subalternizados socialmente, local onde é possível vociferar as dores que até então foram suprimidas e, aqueles que as sentiam, foram calados. As 24 horas transcorridas na vida de Mrs Dalloway não é apenas mais um dia na vida de uma mulher de classe alta, mas a representação das dores e obstáculos na vida de algumas – muitas – mulheres.



REFERÊNCIAS

- BRAITH, Beth. *A personagem*. 2^{ed}. São Paulo: Ática, 1985.
- COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
- D'AGORD, Marta Regina de Leão; BARBOSA, Marcos Rafael de Oliveira; HASAN, Rukaya; NEVES, Rafael Cavalheiro. O duplo como fenômeno psíquico. In: *Revista Latinoam Psicopat. Fund.*, São Paulo, nr. 16, 2013.
- DUARTE, Maria de Deus. *A Story with a Twist: Cunningham responde a Woolf – Mrs Dalloway e The Hours*. Parte II. 141 – 154, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4225.pdf> Acesso em: 03/05/2018, às 17:45.
- HORST, Evalney Riely. A personagem e o fluxo de consciência em Mrs Dalloway. In: *Interfaces*. Guarapuava, v. 2 n. 2 (dez. 2011)
- HUMPHREY, Robert. *Stream of consciousness in the modern novel*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1954.
- MORETTINI, Thays Caroline. A literatura como veneno e antídoto: o fármakon da escrita nos diários de Virgínia Woolf. In: *Línguas & Letras*, v. 15, n. 30, 2014.
- PETTERLE, Andiará. O tempo das horas-um ensaio sobre o tempo nas narrativas de Mrs.Dalloway e de As horas. In: *Caligrama* (São Paulo. Online), v. 1, n. 3, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56680>. Acesso em: 03/05/2018, às 18:03.
- SILVA, Carlos Augusto Viana da. *Mrs. Dalloway e a reescritura de Virginia Woolf na literatura e no cinema*. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11212/1/Tese%20Carlos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 03/05/2018, às 17:20.
- WOOLF, Virginia. *Mrs Dalloway*. Tradução de Mário Quintana; Apresentação Marília Gabriella. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- _____. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1^{ed}. São Paulo: Tordesilhas, 2014.